

Os Conflitos Bélicos e a Criança na Literatura Infantil

Fernando Azevedo *
Ângela Balça **
Moisés Selfa Sastre ***

Resumo

Os textos da literatura infantil, propondo uma modelização dos realia, constituem excelentes ocasiões para falar acerca de temas difíceis, buscando soluções para eles. Desde sempre, os temas difíceis foram tratados na literatura infantil, apesar das reservas que a sociedade pode ou não ter em relação à sua abordagem junto aos mais novos. Deste modo, o nosso estudo centra-se em três obras de literatura infantil que abordam a situação da guerra e que possibilitam pensar e interrogar o lugar da criança nesse contexto. A primeira obra, com o formato de um caderno escolar, é uma homenagem às crianças mortas pelos bombardeamentos de Gaza, levados a cabo pelas tropas israelitas no verão de 2014. A segunda obra fala-nos de um muro, metáfora que separa povos e mundos, cujo derrube é essencial para assegurar a consecução da felicidade coletiva. A terceira obra configura um testemunho: perante o infortúnio da guerra e da miséria humana, importa nunca desistir e encontrar forças para renascer sempre. Ainda que as três obras, unidas pelo protocolo da ficcionalidade, não se refiram aos mesmos eventos histórico-factuais, elas podem ser lidas em conjunto, potenciando interpretações suscetíveis de ajudarem as crianças a pensar o lugar que cada uma tem e pode desempenhar numa sociedade globalizada, onde os ideais da Paz, da Fraternidade, do Amor e do Respeito pelo Próximo continuam a ter de ser fortemente cultivados diariamente.

Palavras-chave: Guerra. Crianças. Literatura infantil.

* Doutor em Ciências da Literatura pela Universidade do Minho (UM). Docente no Instituto de Educação da UM, Portugal.
** Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora (UE). Docente no Departamento de Pedagogia e Educação da UE, Portugal. Membro do CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança, UM, Portugal.
*** Doutor em Filologia pela Universidade de Lleida (UL). Professor do Departamento de Didáticas Específicas da UL, Espanha.



1 Literatura infantil, guerras, conflitos e seus impactos na personagem criança: algumas considerações importantes¹

Ainda que a leitura da literatura, obedecendo ao protocolo da ficcionalidade, exija a suspensão das conexões diretas e imediatas entre o mundo do texto e o mundo empírico e histórico-factual, a verdade é que os textos literários possibilitam, quer aos seus produtores, quer aos seus leitores, dialogar mediamente com aspetos e dimensões desse mesmo mundo empírico e histórico-factual.

A literatura infantil, buscando iniciar os mais novos no conhecimento do texto literário, ajudando-os a percorrer, com prazer, os chamados *bosques da ficção*, não deixa de suscitar, nesses seus leitores, a consecução de importantes efeitos *perlocutivos*. De facto, a literatura propõe determinados mundos possíveis, determinados eventos e personagens que, envolvendo os leitores, os ajudam a pensar o mundo e a interrogá-lo.

Reynolds (2007) afirma que

Childhood is certainly a time for learning to negotiate and find a place in society, but it is also about developing individual potential suited to a future in which societies could be different in some significant ways. [...] It is not accidental that at decisive moments in social history children have been at the centre of ideological activity or that writing for children has been put into the service of those who are trying to disseminate new world views, values, and social models. (REYNOLDS, 2007, p. 2)².

Concordamos com Hunt (2005) quando defende que as crianças e a infância necessitam de ser protegidas, mas que existe uma diferença entre proteção e privação e entre inocência e ignorância. A proteção que as crianças merecem de nós não pode nem deve ser entendida como ignorância, por parte delas, relativamente a aspetos com os quais elas podem vir a se defrontar. Os textos da literatura infantil, propondo uma modelização dos *realia*, constituem excelentes ocasiões para falar abertamente acerca de temas difíceis, buscando, coletivamente, soluções para eles. Nas palavras do próprio Hunt (2005), a questão está em determinar “[...] *what* should we give (or not give) our child-readers; *how* should we give it to them; *what* will they or can they understand; and *why* do we or should we write about these things?” (HUNT, 2005, p. 14)³

Neste sentido, o que não deixa lugar a dúvidas é que a guerra gerou, e gera, um forte impacto na sociedade e, de maneira muito considerável, na criança (VÁSQUEZ, 2005). Esse impacto afeta o espaço físico e social que envolve a população mais jovem e, sobretudo, a dimensão psicológica de

cada criança, que não vive e assume, de igual modo, os efeitos da guerra. Se a guerra prejudica toda uma comunidade de adultos e crianças, assim como o espaço que estes ocupam, não é menos certo que as consequências de um conflito bélico causam efeitos de um modo singular à dimensão psicológica de cada adulto e de cada criança.

O tratamento da guerra na literatura infantil é um dos temas que permitem situar as crianças como protagonistas da obra. Estes protagonistas são apresentados ao leitor não em bloco, mas de uma maneira individual e incidindo em tudo aquilo que permita singularizá-los em relação às restantes personagens da história, convertendo-se, assim, em muitas ocasiões, em protagonistas únicos. Eles são autênticos espectadores de uma guerra que não criaram, e a sua aparição na obra literária é rápida e efetiva, ainda que a sua personalidade e outros traços sejam apresentados paulatinamente através das ações e pensamentos que mostram o seu rico mundo interior e a sua capacidade de observação de cada um dos acontecimentos que sucedem à sua volta.

A literatura infantil atual, que apresenta o tema da guerra como texto e paratexto principais, tem por hábito exibir personagens infantis que, pelo menos no início da obra literária, assumem os conflitos bélicos com aparente frieza. É o caso da jovem Erfan, protagonista de *Llàgrimes sobre Bagdad* (2009), de Gemma Pascual, ainda que este halo de indiferença vá evoluindo até nos depararmos com uma personagem cada vez mais desprotegida perante uma guerra que causa um forte impacto na sua existência. Assim é na maioria das obras de literatura infantil que abordam conflitos bélicos: o jovem protagonista vai descobrindo que uma guerra não significa apenas a destruição das suas coisas e das vidas, que morrem à sua volta, mas sobretudo a devastação do próprio mundo interior, facto que o marcará para sempre.

A guerra sempre produz um impacto negativo para a personagem da criança. Esse impacto também é perceptível quando, na grande maioria dos casos, o jovem é persuadido ideologicamente a tomar partido por um dos grupos em luta. A sua decisão de optar por um grupo ou outro vai-se forjando ao largo da narrativa, ainda que, aconteça o que acontecer, aquilo que fica patente é que a personagem escolhe sempre a paz. O seu objetivo vital em contextos de guerra é simples e claramente este: apostar pela paz como única solução em face das circunstâncias calamitosas que a rodeiam.

Todas as considerações até aqui apresentadas são as que nos permitem afirmar que as três obras de literatura infantil objetos de nosso estudo são um bom pretexto literário para abordar as consequências da guerra em diversas personagens infantis e juvenis. A literatura desempenha um papel

transcendental para a interpretação dos conflitos bélicos do ponto de vista da população mais jovem. Trata-se, pois, de analisar o discurso deste grupo infantil e juvenil que nos oferecerá uma mensagem muito clara: a guerra e os conflitos não têm a última palavra para a paz.

2 A guerra na literatura infantil: análise de algumas obras

Neste estudo pretendemos refletir sobre o tratamento que a literatura infantil faz dos conflitos bélicos. Para o efeito, vamos socorrer-nos de três álbuns narrativos (NODELMAN, 2005; COLOMER et al., 2010) que abordam a situação da guerra e possibilitam-nos pensar e interrogar o lugar da criança nesse contexto. As obras em estudo são *Que luz estarias a ler?*, de João Pedro Mésseder e Ana Biscaia (2014); *Nadav*, de Adélia Carvalho e Cátia Vidinhas (2012); e *O Princípio*, de Paula Carballeira e Sonja Danowski (2012).

As três obras são distintas entre si: desde logo pelos formatos, tamanhos, tipo de papel utilizado na sua confecção, tipo de letra impressa, mas também pelo conteúdo. Ainda que ambas não se refiram aos mesmos eventos histórico-factuais, elas podem ser lidas em conjunto, potenciando interpretações suscetíveis de nos ajudarem a pensar o lugar que cada um tem e pode desempenhar numa sociedade globalizada, onde os ideais da Paz, da Fraternidade, do Amor e do Respeito pelo Próximo têm forçosamente de marcar presença.

A primeira obra que vamos abordar, da autoria de João Pedro Mésseder e Ana Biscaia (2014), *Que luz estarias a ler?*, é uma homenagem a todas as crianças, particularmente às da faixa de Gaza, que são vítimas de conflitos armados. A temática dos conflitos bélicos e das suas terríveis consequências é muito cara ao premiado escritor português João Pedro Mésseder, vencedor do Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância em 2014 e autor de um belíssimo álbum narrativo, ilustrado por André Letria, intitulado *Timor Lorosa'e – A Ilha do Sol Nascente* (2001), no qual a leitura da guerra e do seu impacto deixam marcas no leitor.

Ana Biscaia é uma ilustradora premiada com o Prémio Nacional de Ilustração em 2012, e foi ela que lançou a João Pedro Mésseder o desafio para a escrita de *Que luz estarias a ler?*, inspirado em fotografias do conflito da faixa de Gaza e em posteriores desenhos que a artista plástica produziu para o Festival de Banda Desenhada e Ilustração de Treviso, na Itália (PINTO, 2015).

Ilustradora e autor, em uma forte e entrelaçada parceria, editam então a obra na Editora Xerefé, criada de propósito para a publicação desta obra. Nas palavras do escritor: “Preferimos realçar

determinados valores intemporais — a paz, o valor da leitura, da amizade, da memória. A guerra é sempre inaceitável e quisemos realçar isso em detrimento de questões mais políticas.” (PINTO, 2015).

A obra *Que luz estarias a ler?* tem o formato de um pequeno caderno escolar, reproduzindo a sua textura. As suas 16 páginas (incluindo a capa e a contracapa) apresentam-se desenhadas com escrita manuscrita, em um misto de texto e de desenho a lápis ou a carvão, com frequentes e ostensivos espaços em que se vislumbra uma tentativa de correção. Trata-se de uma espécie de caderno de apontamentos, um caderno de memórias que busca registrar, num estilo espontâneo e imediato, os factos terríveis que sucederam a Kalil.

A capa mostra uma menina de perfil, com um conjunto de livros, e sobreposto o título: *Que luz estarias a ler?*

A obra é antecedida por uma epígrafe que coloca o texto sob a égide explícita da homenagem a perto de cinco centenas de crianças mortas pelos bombardeamentos em Gaza, em julho e agosto de 2014. Só após este elemento paratextual é que a obra apresenta a ficha técnica.

O texto inicia com referência a quantificadores indefinidos, detentores de poder factual – “Certos senhores que governam os países fecham escolas para sempre, como se apagassem a luz” (MÉSSEDER; BISCAIA, 2014) – em oposição a um sujeito da enunciação que exprime o seu receio em face deles – “E eu tenho medo.” (MÉSSEDER; BISCAIA, 2014). A expressão manuscrita, como se de um caderno escolar se tratasse, esmagada graficamente no fundo da dupla página, contribui para, em um diálogo com o texto icônico, evidenciar o medo do sujeito da enunciação face a esses senhores. De facto, a dupla página é largamente ocupada pelo desenho, em caixa alta, da palavra *BOOKS*, vendo-se um misto de lápis de carvão, uma cor encarnada, o esboço, pouco nítido, de uma pistola e aquilo que parece ser as sandálias de uma criança.

Na dupla página seguinte, em grande plano, vislumbra-se um menino com uns livros nos braços, onde se pode ler a palavra *Pamuk*, nome do conhecido romancista turco Orhan Pamuk, galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 2006 e simultaneamente ativista na defesa dos direitos humanos, em particular na denúncia do genocídio do povo armênio pela Turquia na Primeira Guerra Mundial.

Em pano de fundo, dispersos na página, são visíveis a estrela de David, as bandeiras da Palestina, casas, gente que parece gritar, um livro aberto e alguém a lê-lo. O desenho, todo ele a carvão negro, mas com as cores da bandeira palestiniana visíveis (verde, branco, encarnado e negro), assim como a cor da camisola azul pastel do menino e uma cor dourada de uma das casas, é acompanhado de um pequeno texto, manuscrito sobre linhas quase invisíveis. Nesse texto, apresenta-se o menino Kalil e diz-se que ele gostava de livros: “Kalil gostava de livros. Quando lia histórias, dizia, era como se deixasse de ouvir os estrondos,

os tiros, os gritos ao longe, as sirenes. Era como se uma luz se acendesse no coração do escuro.” (MÉSSEDER; BISCAIA, 2014).

A leitura é aqui apresentada como uma catarse em face da realidade opressiva e enclausurada do menino que vive em Gaza, em um contexto dominado pela guerra omnipresente. O diálogo intertextual com a obra do autor de *A Cidadela Branca* ou *A Vida Nova* também não é ingênuo: Pamuk é, de facto, um escritor que, nas suas obras, tem deixado bem claro o princípio de que os livros devem ser lidos com intensidade, uma vez que, conforme proferido em uma entrevista dada a uma jornalista da *Euronews*, “um livro pode dar a chave para mudar o mundo” (PAMUK, 2009, *online*).

Da mesma forma que Osman, protagonista de *A Vida Nova*, um apaixonado por livros que, movido pela sua curiosidade, vai tentando descobrir o que o livro tem de tão especial para mudar a vida dos que o leram, também as crianças deste álbum narrativo acreditam no poder dos livros e da literatura para mudar o mundo e as pessoas.

A dupla página seguinte dá continuidade à primeira, ao apresentar, em primeiro plano, em letras maiúsculas e bem destacadas a expressão & WAR. Debaixo dessa expressão internacional, o esboço de alguém que transporta nos seus braços um corpo já sem vida, enfaixado para ser sepultado, e, na página seguinte, o desenho de alguém que continua a ler livros.

Novamente, como que esmagadas pelo desenho poderoso da guerra e da morte, algumas linhas de texto: ficamos a conhecer o nome do sujeito da enunciação, que afirmava ter medo. Trata-se de uma menina palestiniana de nome Aysha, que chora a morte de Kalil e a destruição da sua escola.

Se tradicionalmente os álbuns narrativos, como bem sublinhou Reynolds (2007), privilegiaram, no seu modo de organização gráfica, a palavra (decorrente do facto de as crianças que com eles interagem se encontrarem em um processo de aquisição da competência linguística), esta obra exige do leitor um outro tipo de competência. À perspectiva tradicional de organização gráfica da informação, legível de cima para baixo e da esquerda para a direita, com imagens organizadas de modo a ser perceptível uma sequência cronológica, esta obra incorpora princípios baseados nos ecrãs de computador, próprios da cultura popular dominante.

Hoje, como mostrou Kress (2003), os ecrãs organizam a informação e os ícones segundo princípios de visualização: aquilo que se lê em primeiro lugar é aquilo que é proeminente, e os jovens, habituados às narrativas e à hermenêutica dos jogos de computador, sabem intuitivamente como a informação estará organizada espacialmente. Assim, eles sabem que uma obra como esta não pode ser lida de modo clássico, isto é, lendo a informação de cima para baixo e da esquerda para a direita, mas olhando a dupla página no seu todo, associando pedaços de informação dispersos, cuja relevância poderá ser ativada bastante mais

tarde: “Just as in a computer game, when this happens it is necessary to track back to join up the subsidiary storylines or add crucial information.” (REYNOLDS, 2007, p. 39)⁴. De igual modo, a informação relativa ao tempo é dada em termos de experiência e de emoção, isto é, os desenhos múltiplos, como que deliberadamente evidenciando um processo de contínua construção, expressam a forma como os acontecimentos são sentidos pelas personagens à medida que vão tendo lugar.

Doloroso relato de denúncia do massacre das crianças palestianas pelos bombardeamentos indiscriminados que atingiram Gaza no verão de 2014, este é um texto que associa a leitura e os livros à luz libertadora, que possibilita a emancipação dos espaços dominados pela guerra, pelo ódio, pela morte. Aysha busca, nos escombros da escola, os livros que Kalil estaria a ler, e é a sua pergunta que dá precisamente título à obra: “Kalil, Kalil, que luz estarias a ler?” (MÉSEDER; BISCAIA, 2014).

A obra encerra-se com duas páginas de texto.

Na primeira, uma espécie de posfácio, explicam-se os últimos desenhos: eles replicam e prestam tributo às fotografias que as agências noticiosas divulgaram à época. O espanto dos olhares das crianças perante a morte e a destruição das suas escolas, assim como o trabalho que muitas encetaram, salvando os livros dos escombros nas escolas destruídas pelas bombas, não deixam, certamente, as crianças e os adultos indiferentes.

A última página da obra explica as origens do livro, quem são os seus autores e o contexto em que foi construído.

Na contracapa, o rosto do menino em cuja homenagem a obra foi escrita, de frente, abraçando um livro, dando continuidade temática à capa.

A segunda obra objeto do nosso estudo é *Nadav*, de Adélia Carvalho e Cátia Vidinhas (2012), publicada pela Editora Tcharan. Adélia Carvalho é autora de vários álbuns narrativos, fundadora da Editora Tcharan e dona da livraria infantil Papa-Livros, na cidade do Porto. Cátia Vidinhas tem um percurso profissional marcado pelo design, pelo cinema de animação e pela ilustração, tendo sido o seu trabalho destacado no Prêmio Nacional de Ilustração em 2015.

Nadav fala-nos de um muro, metáfora que separa povos e mundos, cujo derrube é essencial para assegurar a consecução da felicidade coletiva. Esta obra, não estando propriamente localizada no espaço e no tempo, é rica em símbolos e metáforas que nos remetem a múltiplas interpretações, consoantes aos diversos povos e suas respetivas culturas.

A obra tem o formato de um quadrado e constitui um álbum narrativo. Capa e contracapa mostram-nos, em grande plano, o rosto de um homem, que olha em direções opostas. Na capa, o título, grafado em

letra cursiva, mostra um pequeno pássaro pousado nele, como que anunciando um espaço de liberdade e de emancipação.

As guardas, com fundo verde, símbolo da esperança, exibem pequenos ramos de folhas, símbolos da vitória sobre o mal, para os Cristãos, e da paz, para os Judeus.

Nadav inicia-se por um *incipit* que remete a uma localização imprecisa e longínqua em face do enunciador do texto: “Lá muito, muito longe” (CARVALHO; VIDINHAS, 2012). É nesse espaço que se apresenta a problemática que dará azo a toda a história: um conflito ente dois países vizinhos, que se acusam mutuamente de terem roubado um tesouro e, por essa razão, iniciam uma guerra. A dupla página exhibe dois homens em grande plano, cada um puxando a sua casa, no sentido de afastar uma da outra, aspeto que é complementado pelas duas setas em sentidos opostos.

Em sequência, o narrador explica que as crianças dos dois países vizinhos aprendem, desde cedo, a odiar-se e deixam de saber falar com os que não querem a guerra. A página seguinte, que complementa a anterior, exhibe, sem texto, o conteúdo da página antecedente: um espaço vazio em uma casa onde só há retratos na parede, os quais parecem projetar vozes e discursos contraditórios. Ainda que a página tenha cor, esta não é de modo algum garrida. Pelo contrário, parece mostrar algum desalento e cansaço com o que está a suceder.

Em continuação, um muro alto, que impede a passagem das pessoas e do sol e se torna motivo de contestação e desconfiança, divide uma outra dupla página, como que estabelecendo uma fronteira inultrapassável entre os povos dos dois países. Completam esta cena nuvens de um lado e do outro, um tom de cor sépia, casas muito idênticas, mas sem se vislumbrar, em nenhum dos lados, pessoas.

A presença do muro leva a que as casas passem a ser construídas com uma nova orientação: de costas umas para as outras e sem a presença de seres humanos, metáfora visual para expressar as diferenças e o sentimento de ódio que separa os dois povos, e que o texto verbal explicita, ao considerar que os dois países “agora são cinzentos como dois grandes elefantes virados de costas um para o outro.” (CARVALHO; VIDINHAS, 2012). É neste contexto opressivo e de clausura que um menino expressa a vontade de partilhar risos e brincadeiras com “todas as pessoas do outro lado do muro, mesmo que não soubessem falar a mesma língua” (CARVALHO; VIDINHAS, 2012).

Após a continuação de várias folhas em que os seres humanos se encontram ausentes, surgem-nos, em uma dupla página, as crianças, primeiramente reconhecidas pelos seus pequenos passos e depois pelas poses de brincadeira que exibem. O muro já mostra corredores vários que unem os dois países, e, pela primeira vez, as flores são visíveis dos dois lados do muro. *Nadav* é o nome do menino responsável por esta revolução, que buscará, em um primeiro momento, possibilitar a todos brincar com as crianças do outro

lado e, em uma fase posterior, idealizar a destruição desse elemento de clausura e de diferenciação: “O muro seria a única coisa que haveriam de destruir, para que o sol aquecesse todas as pessoas da mesma forma.” (CARVALHO; VIDINHAS, 2012). É significativo que resida na criança a chave para a transformação do mundo e para a concretização da Utopia (AZEVEDO, 2011).

Seguidamente, outra página dupla mostra um muro que já não parece separar espaços, mas que ganha nova orientação e vida. É nele que germinam plantas, é nele que uma criança rega e cuida delas. Todo o espaço, de um lado e do outro, aparece agora dominado pela vida, seja animal, seja vegetal. Complementarmente, o texto verbal explicita que as crianças planejam juntar-se para, coletivamente, encetarem uma ação de pacificação a qual chamarão Movimento para a Paz.

Todavia, mais à frente, mostram-se as dificuldades sentidas por *Nadav* em levar avante o seu projeto. Os adultos, enquanto força oponente, como que aprisionam as crianças e as impedem de alcançar a Paz, a partilha da Alegria e da Brincadeira, no fundo, a concretização da Utopia. Graficamente, o texto exhibe, em uma página, um menino enclausurado em uma gaiola de pássaro, um menino que chora, e, na outra página, um braço e muitas lágrimas, que caem em movimento vertical. O tom de cor dominante volta a ser o sépia.

O livro encerra-se com um final aberto e com a esperança de que *Nadav* não tenha que vir a ser um soldado. Apesar do muro ainda se encontrar a dividir as páginas, há, de um lado, uma escada e uma criança que a trepa, e, do outro lado, múltiplos pássaros que voam, alguns deles com ramos de oliveira no bico, símbolos da derrota do mal e do pecado, metáfora que dialoga intertextualmente com o episódio bíblico da ave que descobre terra depois do Grande Dilúvio. O texto verbal explicita e alarga o texto icônico:

Este menino aprendeu na escola que um se transforma em dois e dois em quatro e quatro em oito e oito em muitos. Muitos a escolher o caminho da alegria e da paz, sem muros de ódio e pedra a separá-los de quem vive no país vizinho. (CARVALHO E VIDINHAS, 2012).

É nas crianças e na sua capacidade de transformar o mundo, de o interrogar, que reside a chave para uma alteração coletiva. Ainda que *Nadav* parecesse estar sozinho, acompanhado apenas por uma menina do outro lado, ele não desistiu. E tal como no episódio bíblico da multiplicação dos pães, tudo é possível, desde que haja vontade, empenho e se acredite naquilo que se faz.

As guardas finais, idênticas às iniciais, mostram um fundo verde e múltiplos pedaços de pequenos ramos de oliveira, a maior parte ainda verde, alguns poucos já secos, mas em uma quantidade e profusão tais que, para um leitor sofisticado e não ingênuo, anunciam que a Terra Prometida é possível e está ao alcance dos dedos.

Muito embora, como já mencionamos anteriormente, as duas obras remetam a eventos histórico-factuais aparentemente diversos, queremos realçar a possibilidade de algumas similitudes. Se *Que luz estarias a ler?* nos lança no terrível e interminável conflito entre Israel e a Palestina, já *Nadav* pode ser perfeitamente uma metáfora deste mesmo conflito, potenciada, afigura-se-nos, pela palavra que dá título a esta obra, um nome judaico masculino. E, se aceitarmos esta possível leitura dos textos, podemos afirmar que este conflito não é aqui mais do que uma metáfora para todos os conflitos, todos os antagonismos, todas as discórdias existentes no mundo.

A terceira obra objeto do nosso estudo é *O Princípio*, de Paula Carballeira e Sonja Danowski (2012), publicada pela Editora Kalandraka. Paula Carballeira é uma conhecida contadora de histórias, nascida na Galiza (Espanha), tendo trabalhado em diversas programações culturais de âmbito ibérico. Sonja Danowski, a ilustradora, nasceu na Alemanha, tendo sido galardoada com várias distinções, nomeadamente o prêmio para o melhor livro alemão de desenho em 2007, e selecionada, por três vezes, tanto para a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha (Itália) como para a Bienal Ilustrarte, em Portugal.

O título da obra em estudo, elemento configurador por excelência de um horizonte de expectativas, apresenta-se grafado em letras maiúsculas e é acompanhado de um longo ramo com frutos prestes a desabrochar. *O Princípio* remete ao recomeço de uma nova vida após um conflito bélico que destruiu casas, vidas e rotinas, causando sofrimento, desgosto, desespero e muita dor.

O álbum narrativo contém figuras desenhadas com um traço hiper-realista, aspeto perturbador que contribui para aproximar o leitor da dor e do sofrimento experimentados pelas personagens, ao assemelhar-se a um relato testemunhal de natureza quase fotográfica. De facto, o leitor parece estar perante um documento histórico que configura o testemunho de um grupo de pessoas em face de um conflito bélico, ocorrido algures, no espaço e no tempo. Mas um conflito bélico cujos dramas em termos de dor e de sofrimento são os mesmos de qualquer pessoa que o tenha vivido. A obra *O Princípio* fala de “todas as guerras” (GOMES, 2016, p. 39) e apresenta um ponto de vista pacifista e confiante na vida.

Capa e contracapa constituem uma unidade de sentido.

Na capa, em grande plano, uma bola de futebol colorida sobre uma poça de água, vendo-se, em cima, os sapatos e pernas de uma criança de que se não conhecem as feições ou o rosto. Junto à criança, o título da obra, grafado em maiúsculas, em letras encarnadas, e logo por debaixo, em letras também maiúsculas, mas de tamanho menor, dois nomes: o da autora do texto e o da ilustradora, sem referência, porém, aos seus atributos profissionais. Junto à bola de futebol – elemento simbólico que remete ao jogo e à festa – umas folhas de árvore e uns frutos, como que deixados cair ao acaso, que permitem articular a capa com a contracapa.

De facto, na contracapa, em primeiro plano, vemos uns pássaros (dois pequenos pardais e duas pombas), que parecem ir recolhendo essas folhas, provavelmente para o princípio de uma nova vida (a construção de um ninho). Ao fundo, uma parede de tijolos de cor sépia, um saco com um conteúdo não explícito e alguma desorganização dos elementos, com exceção de um carreiro de pedrinhas soltas, o código de barras e o ISBN da obra, discretamente colocado do lado direito inferior, e a expressão “livros para sonhar”, designação da coleção, em letras minúsculas, encarnadas, ao alto, no lado esquerdo da contracapa.

Nas guardas iniciais, tal como nas finais, um emaranhado de ramos, folhas e frutos, metáfora visual de que a vida sempre renasce, mesmo quando tal parece muito difícil ou até impossível.

A história é contada em poucas palavras: perante um cenário horrendo e desumano, provocado por uma guerra, na qual se perdeu quase tudo – e a dupla página inicial é testemunha da desolação, ao exibir uma rua qualquer de uma cidade, sem nome, sem indicações geográficas, com prédios semidestruídos e esventrados, onde não há vegetação alguma nem tão pouco traços de seres humanos, mas apenas, em primeiro plano, os destroços que restam de um carrinho de bebê e de uma bicicleta já enferrujada – uma família, composta por pai, mãe e dois filhos, aprende a reviver com o pouco que lhe resta.

É a mãe, qual força telúrica e protetora, que, perante o infortúnio, ensina as crianças a renovar o olhar sobre o pouco que resta e a descobrir aí uma fonte para segurança futura: “Quando a guerra acabou, ficámos sem casa. / – Não importa – disse a mãe. – Temos um carro.” (CARBALLEIRA; DANOWSKI, 2012). A dupla página mostra-nos, em grande plano, um menino de olhos azuis que nos enfrenta. Na outra página, a jovem mãe baixa os olhos, enquanto a criança, que está ao seu colo, olha para a frente, mas em uma direção diferente da do leitor. O cenário é de uma desolação extrema, todo ele em tons sépia.

A dupla página seguinte, à semelhança de um quadro, mostra-nos, em grande plano, a frente de um carro já ferrugento, no qual se refletem os escombros do que terá sido uma cidade, e a mãe, acompanhada dos dois filhos menores. O texto verbal diz apenas: “Passámos a viver no carro. / Desde então, viver era viajar.” (CARBALLEIRA; DANOWSKI, 2012).

As páginas seguintes como que apresentam pequenos recortes da vida após a destruição da guerra, e tudo se vai encaminhando em uma sequência cronológica: a reduzida roupa, a ausência de condições materiais mínimas e dignas, a tristeza que impera em todos, até que, por força da influência dos progenitores, o pouco que se tem é lido como promotor de uma diferenciação positiva. A ausência de um teto (casa) é substituída pela presença de um carro; a reduzida roupa é lida como sinal de menor trabalho para a lavar; a ausência de luz elétrica suscita que todos durmam mais próximos uns dos outros, aconchegando-se no calor e protegendo-se melhor.

Perante o infortúnio geral e a miséria humana, é nas crianças que a vida recomeça. Primeiro, tenuemente, com a brincadeira de alguém, depois, com uma gargalhada, à qual se sucedem outras, para, no final do álbum, ser coletivamente assumido, por todos, que o maior dom era o da vida, e aí residia a importância da comemoração da festa.

Este é, pois, um álbum narrativo que, exibindo um olhar tocante sobre as consequências da devastação provocada pela guerra, assume uma visão positiva: perante a miséria humana, importa nunca desistir e iniciar um novo capítulo. É nos pequenos gestos, no olhar atento aos pormenores, que se encontra a felicidade; perante o horror e a mais absoluta precariedade, apenas resta a imaginação e a fraternidade humana.

O Princípio pode, assim, ser lido como uma metáfora de vida e de sobrevivência para todos nós.

Considerações finais

As três obras, como dissemos, são distintas entre si. Cada uma apresenta personagens diferentes, mas que possuem um denominador comum: a visão que individualmente trazem sobre os conflitos bélicos, que são tratados em cada obra literária em separado. A partir deste ponto de vista, são relevantes umas considerações finais, que nos permitem unificar a mensagem que transmitem as três obras escolhidas para o nosso estudo:

- 1) Estas obras utilizam um conjunto de elementos paratextuais, como é próprio da literatura infantil atual (LLUCH, 2003), para guiar e orientar a leitura dos mais novos. Os títulos dos livros, a partir de caminhos metafóricos, deixam entrever a mensagem que os seus autores querem transmitir e a finalidade com que foram escritos. Além disso, as imagens, sobretudo dos protagonistas, determinam muito rapidamente o sentir destes perante os conflitos que têm ou tiveram que viver sem remédio algum;
- 2) As obras apresentam conflitos fictícios, mas que são uma metáfora de conflitos bélicos atuais. Portanto as coordenadas espaço-temporais são facilmente estabelecidas pelo leitor. Metáfora, ficção e realidade dão as mãos para transmitir uma mensagem clara a partir do ponto de vista infantil;
- 3) A mensagem das obras é uma clara aposta na paz e na resolução dos conflitos. O leitor vive em primeira pessoa factos devastadores, mas alberga sempre a esperança na evolução positiva destes. Neste sentido, o binómio guerra-paz perturba o equilíbrio a favor da concórdia em cada um dos finais das obras aqui analisadas;

- 4) Os conflitos repercutem física e, sobretudo, psicologicamente nos personagens, que se veem submetidos a desempenhar um papel que não corresponde à sua idade infantil (AGRELO et al., 2005). Isto causa dor e obriga-os a amadurecer psicologicamente para enfrentar e lidar, com força mental, cada um dos drásticos acontecimentos que afetam as suas vidas;
- 5) As três obras analisadas partilham com os seus leitores um conjunto de valores próprios do mundo infantil, que aposta na paz à sua volta e no seio dos povos em geral: justiça, tolerância, colaboração, ajuda e um respeito absoluto pelo Outro, pela vida e pelos direitos fundamentais das pessoas;
- 6) Por último, quanto aos aspetos gráficos e formais, as obras são distintas entre si. Se a primeira obra estudada é graficamente mais inovadora, ao convocar um desenho que se mostra deliberadamente em construção, em processo, metáfora visual da construção coletiva que importa encetar, para que as crianças, em Gaza, possam ter a liberdade de ler os seus livros e transformar as suas vidas, a segunda e a terceira obras não deixam de, por processos diferentes, convidar o leitor a ser um agente na mudança e transformação do mundo.

Notas

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (Poci) no âmbito do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562.

² A infância é certamente uma época para aprender a negociar e a encontrar um lugar na sociedade, mas é também uma época para desenvolver potencialidades individuais adequadas a um futuro em que as sociedades podem ser diferentes de algumas formas significativas. [...] Não é acidental que, em momentos decisivos na história social, as crianças tenham estado no centro da atividade ideológica ou que a escrita para crianças tenha sido colocada ao serviço daqueles que tentavam disseminar novas visões do mundo, valores, e modelos sociais. (tradução nossa).

³ [...] o que devemos dar (ou não dar) às nossas crianças leitoras; como devemos dar-lhes isso; o que é que elas poderão ou serão capazes de entender; e porque é que escrevemos ou devemos escrever sobre estas coisas? (tradução nossa).

⁴ Tal como num jogo de computador, quando isto acontece é necessário voltar atrás de novo para juntar aspetos subsidiários da história ou adicionar informações cruciais. (tradução nossa).

Referências

AGRELO, Eulalia et al. Tratamento dos conflitos belicos na literatura infantil e juvenil en lingua galega. In: RUZICKA, Veljka; VÁZQUEZ, Célia; LORENZO, Lourdes (Eds.). *Mundos en conflicto: Representación de Ideologías, Enfrentamientos Sociales y Guerras en la Literatura Infantil y Juvenil*. Vigo: Universidade de Vigo, 2005. p. 71-90.

AZEVEDO, Fernando. *Poder, Desejo, Utopia*. Estudos em Literatura Infantil e Juvenil. Braga: Centro de Investigação em Formação de Profissionais de Educação da Criança/ Universidade do Minho, 2011.

CARBALLEIRA, Paula; DANOWSKI, Sonja. *O Princípio*. Matosinhos: Kalandraka, 2012. Não paginado.

CARVALHO, Adélia; VIDINHAS, Cátia. *Nadav*. Porto: Tcharan, 2012. Não paginado.

COLOMER, Teresa et al. *Cruce de miradas: nuevas aproximaciones al libro-álbum*. Caracas: Banco del Libro/Gretel, 2010.

GOMES, José António. Primeira e segunda guerra mundiais em narrativas para crianças e jovens: uma reflexão sobre os modos de representação literária. In: ROIG, Blanca-Ana; SOTO, Isabel; NEIRA, Marta (Coords.). *Reflexos das duas guerras mundiais na LIX*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2016. p. 15-46.

HUNT, Peter. War in Children's Literature - Why? In: RUZICKA, Veljka; VÁZQUEZ, Célia; LORENZO, Lourdes (Eds.). *Mundos en conflicto: Representación de Ideologías, Enfrentamientos Sociales y Guerras en la Literatura Infantil y Juvenil*. Vigo: Universidade de Vigo, 2005. p. 13-27.

KRESS, Gunther. Interpretation or Design: From the World Told to the World Shown. In: STYLES, Morag; BEARNE, Eve (Eds.). *Art, Narrative and Childhood*. Stoke on Trent: Trentham Books, 2003. p. 137-54.

LLUCH, Gemma. *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.

MÉSSEDER, João Pedro; BISCAIA, Ana. *Que luz estarias a ler?* Coimbra: Xerefe Edições, 2014. Não paginado.

NODELMAN, Perry. Decoding the images. How picturebooks work. In: HUNT, Peter (Ed.). *Understanding Children's Literature: key essays from the second edition of the international companion encyclopedia of children's literature*. London: Routledge, 2005. p. 128-139.

PAMUK, Orhan. Um livro pode dar a chave para mudar o mundo. [nov. 2009]. Entrevistadora: Selene Verri. Lyon, França. 1 arquivo .mp4 (7 minutos e 59 segundos). **Youtube**, Canal Euronews, [S.l.], 28 nov. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=342&v=esuyQAiTrLE>. Acesso em: 12 out. 2016.

PINTO, Mariana Correia. Este livro vai daqui a Gaza em nome da literatura (e não só). **P3 Público**, Lisboa, 18 jan. 2015. Disponível em: <<http://p3.publico.pt/cultura/livros/15346/este-livro-vai-daqui-gaza-em-nome-da-literatura-e-nao-so>>. Acesso em: 14 out. 2016.

REYNOLDS, Kimberly. *Radical Children's Literature: future visions and aesthetic transformations in juvenile fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

VÁSQUEZ, Magdalena. El impacto de la guerra en el personaje niño. A propósito de la obra narrativa de Juan Farias. In: RUZICKA, Veljka; VÁSQUEZ, Célia; LORENZO, Lourdes (Eds.). *Mundos en conflicto: Representación de Ideologías, Enfrentamientos Sociales y Guerras en la Literatura Infantil y Juvenil*. Vigo: Universidade de Vigo, 2005. p. 427-438.

The War and Children in Children's Literature

Abstract

The texts of children's literature, proposing a modeling of *realia*, are excellent occasions to speak openly, about difficult subjects, seeking solutions to them. As always, difficult issues were somehow treated in children's literature, despite reservations society may or may not have in relation to its approach next to the young. Thus, our study focuses on three works of children's literature that discuss the war situation and allow to think and to question the place of the child in this context. The first work, in the format of a school notebook, is a tribute to children killed by the bombing of Gaza, carried out by Israeli forces in the summer of 2014. The second work speaks of a wall, a metaphor that separates people and worlds, and whose destruction is essential to ensure the achievement of a collective happiness. The third work sets up a witness: in the face of the misfortune of war and human misery, it's important never give up and find strength to be reborn forever. Although the three works, united by a fictionality protocol, do not refer to the same historical and factual events, they can be read together, enhancing interpretations susceptible of helping children to think about the place that each one has and can play in a globalized society where the ideals of Peace, Brotherhood of Love and Respect for the Next still have to be heavily cultivated daily.

Keywords: War. Children. Children's Literature.

Fernando Azevedo

E-mail: fraga@ie.uminho.pt

Angela Balça

E-mail: apb@uevora.pt

Mosés Selfa Sastre

E-mail: mselfa@didesp.udl.cat

Los Conflictos Bélicos y la Infancia en la Literatura Infantil

Resumen

Los textos de literatura infantil, que proponen un modelado de los *realia*, constituyen excelentes ocasiones para hablar de temas difíciles, buscando soluciones para los mismos. Desde siempre, los temas difíciles fueron tratados en la literatura infantil, a pesar de las reservas que la sociedad pudo o no tener en relación a su abordaje con los lectores iniciales. De este modo, nuestro estudio se centra en tres obras de literatura infantil que abordan la situación de guerra y que posibilitan pensar e interrogar el lugar que ocupa el niño en ese contexto. La primera obra, con el formato de un cuaderno escolar, es un homenaje a los niños muertos por los bombardeos de Gaza, llevados a cabo por las tropas israelitas, en el verano de 2014. La segunda obra nos habla de un muro, metáfora que separa pueblos y mundos, y cuyo derrumbamiento es esencial para asegurar la consecución de la felicidad colectiva. La tercera obra establece un testigo: en vista de la desgracia de la guerra y de la miseria humana, uno nunca se puede dar por vencido y debe encontrar la fuerza para renacer siempre. A pesar de que las tres obras, unidas por el protocolo de ficcionalidad, no se refieren a los mismos eventos histórico-factuales, ellas pueden ser leídas en conjunto, potenciando interpretaciones susceptibles de ayudar a las jóvenes generaciones a pensar el lugar que tienen y pueden desempeñar en una sociedad globalizada, donde los ideales de Paz, de Fraternidad, de Amor y de Respeto por el Próximo tienen que ser cultivados a diario.

Palabras-clave: Guerra. Jóvenes lectores. Literatura infantil.

Enviado em: 08/11/2016

Versão final recebida em: 25/05/2017

Aprovado em: 29/05/2017